

Livro de Resumos

IV Fórum de Educação Inclusiva



IFRJ CAMPUS NILÓPOLIS

PALESTRAS • MESAS REDONDAS
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS COM PUBLICAÇÃO

10 E 11 DE OUTUBRO DE 2023

EVENTO HÍBRIDO

10/10: PRESENCIAL NO AUDITÓRIO DO IFRJ NILÓPOLIS
11/10: APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS EM FORMATO ON-LINE

EIXOS TEMÁTICOS

DO DIREITO À EDUCAÇÃO: POLÍTICAS DE ACESSO, PERMANÊNCIA E QUALIDADE SOCIAL;
PROPOSTAS CURRICULARES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS;
ACESSIBILIDADE: TECNOLOGIA ASSISTIVA E COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA/AMPLIADA;
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO;
FORMAÇÃO DE PROFESSORES;
APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO: DIAGNÓSTICO, PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO.

IV Fórum de Educação Inclusiva



DATAS ALUSIVAS AO SETEMBRO SURDO E SUA IMPORTÂNCIA

Daniel D'angelis Vida^{1*}, Andressa Navarro de Souza², Fabiano Guimarães da Rocha³

¹ Graduando em Licenciatura em Química (IFRJ)

² Graduando em Licenciatura em Química (IFRJ)

³ Professor do Ensino Superior do IFRJ, *Campus Nilópolis*

*Autor para correspondência: dandanvida@hotmail.com

RESUMO

Visto como o mês da visibilidade surda, o Setembro Surdo ou Setembro Azul é voltado para celebrar o respeito e reconhecimento da diversidade linguística relacionada à Comunidade Surda ao redor do mundo. Com isso, destaca-se as informações sobre as conquistas e os desafios enfrentados pelas pessoas surdas membros dessa comunidade linguística, buscando promover ambientes bilíngues, garantias e direitos para a equiparação de oportunidades numa sociedade pensada com, por e para todos no direito à educação, à saúde, ao trabalho, ao lazer. As diversas datas são marcos que importam para promover a conscientização, a historicidade e circulação de informações das causas e pautas da cultura e identidades surdas como um grupo social linguístico. Este trabalho tem como objetivo trazer uma reflexão sobre a importância das datas alusivas aos dias do setembro Azul no reconhecimento cultural e linguístico da Comunidade Surda e seus impactos sociais. Como resultado espera-se que seus dados sejam contribuições significativas para as mudanças do olhar social sobre os surdos. O conceito de sujeito surdo refere-se à surdez como uma identidade cultural e linguística, além da compreensão

IV Fórum de Educação Inclusiva



de uma condição médica, reconhecendo a influência da forma como a pessoa percebe o mundo e se comunica, com isso, ocorre uma valorização da cultura surda e abandono do conceito de surdez como uma deficiência a ser corrigida, portanto, a importância das alusões as datas do setembro surdo auxiliam no entendimento geral e incentivam a conscientização da singularidade da cultura surda. Dentre as datas celebradas, temos o dia 10 de setembro, celebrado o Dia Mundial da Língua de Sinais, data utilizada para lembrar o Congresso de Milão, que proibiu a utilização da Língua de Sinais, justificando ser um retrocesso aos surdos e defendendo a leitura labial. No Brasil, a língua foi apenas reconhecida como oficial em 2002 pela lei nº 10.436. Após essa data, no dia 23 de setembro, é oficializado o Dia Internacional da Língua de Sinais, comemorado pela primeira vez em 2018, homenageando à criação da Federação Mundial dos Surdos em 1951. Em 26 de setembro, ocorre o Dia Nacional do Surdo, comemorado no dia da fundação da primeira escola de surdos do país, o INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). E por fim, o Dia Internacional do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais, profissão atualmente reconhecida e aprovada no Senado pelo projeto de lei nº 5.614, de 2020. Nossa metodologia embasa-se em pesquisa exploratória qualitativa, com a finalidade de descobrir as bases e trazer informações que permitam chegar ao resultado esperado, ou que pelo menos nos auxilie formular uma hipótese. Este modo de fazer pesquisa nos permite também definir de forma mais completa o problema da pesquisa: qual a implicação das datas comemorativas para a promoção da cultura surda, sua língua e a mudança de consciência dos ouvintes sobre os surdos?

Palavras-chave: Cultura Surda. Comunidade Surda. Setembro Azul.

IV Fórum de Educação Inclusiva



PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

João Vitor Gomes Barbosa da Silva^{1*}, Fabiano Guimarães da Rocha ²

¹Graduando de Licenciatura em Matemática/Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)

² Professor do Ensino Superior do IFRJ, *Campus Nilópolis*

*Autor para correspondência: jvittorgomes@gmail.com

RESUMO

A definição de bilinguismo não é consenso na área científica e mais complexo. Neste estudo, adotamos os conceitos de bilinguismo conforme as autoras Almeida e Flores (2017) que descrevem o bilíngue como um termo usado para designar falantes que possuem competência linguística, em pelo menos duas línguas. Essas habilidades linguísticas podem ser adquiridas de diversas formas. No Brasil, o bilinguismo na Educação de Surdos passa a ser introduzido na sua formação escolar a partir da década de 1980 e ganha força por meio de pesquisas científicas e políticas linguísticas, como os estudos de Eulália Fernandes (2015) e a Lei de Libras nº 10.436/02. Fundamentados em Flores (2017), Fernandes (2015) e Harmers e Blanc (2000) a aquisição de segunda língua promove uma segunda identidade linguística e constitui a formação do sujeito. Neste estudo, consideramos importante analisar seis dimensões: competência relativa, organização cognitiva, idade de aquisição, presença ou não de indivíduos falantes da segunda língua no ambiente de convivência, status das línguas envolvidas e identidade cultural. O objetivo deste trabalho é compreender como o aluno surdo bilíngue adquire a linguagem matemática, através das leituras complexas,

IV Fórum de Educação Inclusiva



das questões contextualizadas. Como metodologia, seguimos a pesquisa qualitativa, exploratória, bibliográfica, descritiva para checar antecipadamente a pertinência do assunto a ser discutido.

Palavras-chave: Bilinguismo. Educação de Surdos. Segunda língua. Educação.

IV Fórum de Educação Inclusiva



O PAPEL DAS EMOÇÕES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS DE ALUNOS/AS COM DEFICIÊNCIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Yanara Barbosa de Andrade^{1*}; Janine dos Santos Rolim²

¹Graduada em Letras-Francês/Universidade Federal da Paraíba/UFPB, Mestra em Linguística(PROLING)/Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora de Francês particular.

²Graduada em Letras-Inglês/Universidade Federal da Paraíba/UFPB, Mestra em Linguística(PROLING)/Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e professora de Inglês dos anos finais/Pitimbu-PB.

*Autor para correspondência: yanarabdeandrade@gmail.com

RESUMO

Quando contempladas as emoções, o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE) torna-se, para nós, mais efetivo, visto que as vivências pedagógicas, emocionalmente envolventes, podem refletir em um aprendizado mais significativo coerente e ético. Ademais, consideramos que as emoções desempenham um papel fundamental no processo de construção da identidade dos indivíduos (CASASSUS, 2009). Ao considerá-las no planejamento, elaboração e execução das aulas, o/a professor/a re/cria o espaço da sala de aula enquanto um ambiente acolhedor, oportunizando a si mesmo e aos/às seus/suas estudantes, uma melhor consciência de si. Sob esta perspectiva, um ambiente educacional socioemocional também pode contribuir para a inclusão e melhor colaboração entre os demais envolvidos no ensino-aprendizagem de uma (LE), sobretudo de alunos com deficiência/s e/ou necessidades específicas. Por este motivo, compreendemos que um ambiente educacional inclusivo é um ambiente socioemocional, ou seja, afetivo e potencialmente seguro. Isso significa que, ao promover espaços onde os/as alunos/as se sintam respeitados/as, valorizados/as e aceitos/as, independentemente de suas diferenças, estes mostram-se mais socio-emocionalmente seguros e dispostos a participar ativamente das dinâmicas propostas pelo/a professor/a durante as aulas. Diante dessa compreensão, apoiamos, assim, em contribuições que contemplam as pesquisas no campo das emoções. Para tanto, buscamos vivenciar e aplicá-las em nossos contextos de atuação docente sob uma perspectiva inclusiva, no caso deste estudo, com alunos/as com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que estão inseridos em um contexto de ensino-aprendizagem de idiomas, quais sejam: francês e

IV Fórum de Educação Inclusiva



Inglês. Logo, objetivamos investigar como o trabalho com as emoções promove a inclusão desses/as estudantes em diferentes contextos de aprendizagem e para além da sala de aula. Dois (02) relatos escritos de duas (02) professoras de LE, coletados no início do segundo semestre de 2023, em dois contextos distintos. No primeiro, a professora está inserida no âmbito de ensino do inglês para alunos/as da rede municipal da cidade de Pitimbu – PB, mas que evidência algumas de suas experiências, as mais significativas e afetivas, especialmente em uma de suas turmas nessa escola. A professora pôde construir uma relação de afetos inclusivos junto aos demais alunos, mas, o destaca a sua interação com um aluno com TEA. O segundo relato, por sua vez, trata-se da voz de uma professora de língua francesa que, atualmente, desenvolve um trabalho autônomo e remoto, também, com um aluno de perfil similar àquele da professora de inglês. Neste, reverberam as estratégias utilizadas com o intuito de promover o envolvimento ativo e afetivo desse jovem estudante na aquisição do francês; Os resultados iniciais sugerem que as emoções ressignificam o *savoir-faire* (saber-fazer) dessas professoras em relação ao seu *métier* e, possivelmente, ao envolvimento dos seus alunos na aprendizagem de um novo idioma. Sendo assim, parece-nos que o acolhimento das emoções nas etapas de planejamento, elaboração e das práticas/agir docente, re/orientam as dinâmicas didático-pedagógicas sob uma percepção otimista do ensino e aprendizagem de uma LE à luz da inclusão de alunos com TEA.

Palavras-chave: Educação Emocional. Ensino-aprendizagem de LE. Ambiente educacional inclusivo.

IV Fórum de Educação Inclusiva



LIBRAS COMO LÍNGUA DE INSTRUÇÃO NO ENSINO DE EXPERIMENTOS QUÍMICOS PARA ALUNOS SURDOS: PROFESSOR OUVINTE BÍLÍNGUE

Caio Vitor Ferreira^{1*}, Fabiano Guimarães da Rocha²

¹ Graduando em licenciatura em química pelo IFRJ, *Campus Nilópolis*

² Professor do Ensino Superior do IFRJ, *Campus Nilópolis*

*Autor para correspondência: cvio.vitor33@gmail.com

RESUMO

A formação de professores de química geralmente foi formulada para o ensino médio regular. Quando têm-se a inserção de alunos surdos nesse processo educativo, é possível que surjam empecilhos de cunho pedagógico e linguístico. Com isso, surge a necessidade de reflexão acerca da formação voltada a abranger esses desafios associados à educação bilíngue. O objetivo principal deste trabalho é analisar e observar a atuação do professor ouvinte bilíngue e as reações dos alunos surdos ao receberem os conteúdos químicos em sua própria língua pelas mãos desse professor, já que a formação de professores de química comumente foi pensada para o ensino médio regular, sem a presença de discente que interagem e interpretam o mundo, os conceitos não pelo idioma do docente. É possível que surjam empecilhos - para além da comunicação - problemas de cunho pedagógico e linguístico. Sendo assim, faz-se necessário uma reflexão acerca da formação voltada a abranger esses desafios associados à educação bilíngue, que contribua para complementar os saberes dos docentes e prepará-los para reais possibilidades de inserção dos alunos surdos em salas de aula. Com base em Rocha (2017), Strobel (2006), Silva (2010), problematiza-se com as seguintes questões: torna-se importante os docentes usarem a Libras no ensino de disciplinas diversas como língua instrucional? É relevante que conheçam sobre os elementos e as particularidades da cultura e

IV Fórum de Educação Inclusiva



identidade da comunidade surda? Como metodologia se adota a filmagem como recurso de registro para observação, análise e descrição das interações linguísticas entre o professor ouvinte bilíngue com os alunos surdos. Como contribuição, espera-se fomentar estudos e aplicações da formação bilíngue de professores das mais diversas áreas de conhecimento. Esse estudo se caracteriza como bibliográfico, qualitativa, exploratória com análise de exemplos práticos que estimulam a compreensão.

Palavras-chave: Libras. Professor de química. Química.

IV Fórum de Educação Inclusiva



PROGRAMA INCLUIR E A CRIAÇÃO DOS NÚCLEOS DE ACESSIBILIDADE

Maricelia Aparecida Nurmberg^{1*}

¹Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Pós-graduada em Tutoria em Educação a Distância e Educação Especial; pós-graduação em Braille e Libras; Cursando pós-graduação em Atendimento Educacional Especializado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Tutora Online nos cursos de graduação e Pós-Graduação da UNIOESTE desde 2017 e Professora de Ensino Superior na função de Professora de Atendimento Educacional Especializado na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) em Dourados. Aluna Especial do Doutorado em Educação (UFGD).

*Autor para correspondência: maricelianurmberg4@gmail.com

RESUMO

O ingresso das pessoas com deficiência no Ensino superior vem sendo ampliado gradativamente. Com isso as Instituições de Ensino Superior precisam se adequar para receber estes alunos e possibilitar condições não somente para ingresso, mas permanência e aprendizado de qualidade. Em 2005 o ministério da Educação (MEC) criou o Programa de Acessibilidade na Educação - Programa INCLUIR que foi implantado até 2011 por meio do qual as Universidades deveriam apresentar projetos de Criação de Núcleos de acessibilidade, tendo em vista suprimir as barreiras nas comunicações, informações, físicas, pedagógicas nas instalações e equipamentos. Os núcleos de acessibilidade devem ser estruturados a partir dos eixos: infraestrutura, currículo, comunicação e informação, programas de extensão e de pesquisa, disponibilizando recursos e serviços de acessibilidade para promover a plena participação dos estudantes. Objetiva-se discorrer sobre a criação dos núcleos de acessibilidade nas Universidades, seus objetivos, como estes devem ser estruturados e como eles podem contribuir para que as universidades sejam mais inclusivas. Utilizou-se a pesquisa com uma abordagem bibliográfica a partir de

IV Fórum de Educação Inclusiva



legislações sobre a temática, pautada principalmente no “documento INCLUIR” e artigos que apresentam a atuação dos Núcleos de Acessibilidade nas Universidades. As Instituições de Ensino Superior precisam ter uma política de acessibilidade para inclusão das pessoas com deficiência e esta deve estar presente no plano de desenvolvimento da instituição, nos projetos pedagógicos dos cursos, no orçamento, na infraestrutura arquitetônica, nos materiais e recursos pedagógicos acessíveis. A efetivação da Educação Inclusiva será possível se todos se estiverem engajados e participando da elaboração de políticas públicas e sua efetivação, bem como por meio de atividades de formação dos professores, maior investimento em recursos para o acesso, participação, disponibilização de recursos de tecnologia assistiva para aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Ensino Superior. Acessibilidade. Inclusão.

IV Fórum de Educação Inclusiva



PROPOSTA EDUCATIVA NO ENSINO DE HISTÓRIA: INCLUSÃO E APRENDIZAGEM PARA ALUNOS COM DISLEXIA

Thais Faustino Bezerra^{1*}; Firmino Durval Furtado²

¹Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Regional do Cariri (URCA)

²Graduando em História, Universidade Estadual do Ceará (UECE)

*Autor para correspondência: cantinhodadislexia@gmail.com

RESUMO

A prática educativa é uma condição importante para a vida escolar dos alunos com dislexia. Portanto, dentro do contexto de inclusão e aprendizagem, os alunos não podem ser excluídos das práticas de sala de aula. Uma prática bem planejada relacionada ao ensino de conteúdos pode ter um impacto positivo na vida educacional e social dos alunos. Nossos alunos precisam de uma prática adaptada às suas dificuldades e também ao seu potencial, que é incontável. Portanto, este trabalho tem como objetivo propor atividades interessantes na prática docente de alunos com dislexia na disciplina de História. Este trabalho é um recorte parcial do Projeto Educativo e Inclusivo: Cantinho da Dislexia (@cantinhodadislexia). Foi realizada uma breve revisão da literatura, fundamentada a partir dos autores relacionados ao tema de estudo. Foi realizada a análise do livro de História do 6º ano, com foco na Unidade III, capítulo 6 (A terra entre os rios), com foco no conteúdo pedagógico “A vida na Mesopotâmia”. Dessa forma, os professores podem ler o conteúdo com alunos com dislexia e fazer com que eles conectem o conteúdo histórico a elementos do cotidiano. O professor de história pode então trazer imagens relacionadas ao tema, fazer uma leitura visual e perguntar aos alunos sobre as imagens. Os professores podem então utilizar desenhos e pinturas para criar ilustrações, recortes e colagens baseadas em revistas e jornais. Além disso, os professores podem sugerir jogos de labirinto, caça-palavras, jogos de quebra-cabeça e outras atividades divertidas. Portanto, espera-se que as atividades educativas contribuam com o processo de ensino dos alunos com dislexia e promovam maior interação entre os alunos em relação aos fatos históricos na disciplina de História.

Palavras-chave: Aprendizagem. Dislexia. Inclusão.

IV Fórum de Educação Inclusiva



EXPLORANDO LIGAÇÕES IÔNICAS DE FORMA INCLUSIVA: UMA ABORDAGEM LÚDICA

Ana Carolina dos Santos Lima Nepomuceno^{1*}, Arthur de Fillos Moraes de Almeida, Kamyla da Cruz Benicá¹, Queli Aparecida Rodrigues de Almeida², Maria Gabriela Werneck Röhe³

¹PIBID – IFRJ; ²PQ – IFRJ; ³PQ – CPII

*Autor para correspondência: anacarolinadsl@gmail.com

RESUMO

É fundamental a aprendizagem sobre ligações iônicas no ensino da química, porém em muitos casos a matéria é aplicada de forma não inclusiva, principalmente para alunos portadores de baixa visão ou cegos, e isto ocorre devido a falta de material adaptado e formação docente. Visando essa defasagem, a realidade do Colégio Pedro II, que possui alunos deficiências visuais e aplicação de metodologias ativas para o ensino; os alunos de Licenciatura em Química do IFRJ - CDUC (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - Campus Duque de Caxias), participantes do PIBID (Programa institucional de bolsa de iniciação da docência), desenvolveram um jogo sobre ligações iônicas que possui diferenças de texturas e legendas em braille para auxiliar os alunos que possuem deficiências específicas. No jogo, utilizamos EVA com textura, meia pérola para indicar o braille, e na roleta, com o fundo preto, foi feito contraste com as cores laranja e amarelo. O jogo funcionará por meio de uma competição entre os grupos, e será feito por rodadas. Cada rodada um participante irá rodar a roleta para tirar um metal e um ametal. Cada grupo terá uma folha, onde nela eles deverão colocar as seguintes informações: ânion, cátion, fórmula molecular e a proporção das ligações. É esperável que a aplicação de uma metodologia ativa que possui como característica principal a acessibilidade consiga além de criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e envolvente, permitindo que os alunos construam conhecimento de maneira mais significativa, também consiga proporcionar experiências de aprendizado enriquecedoras e inclusivas para esses alunos, que em sua maioria são excluídos dessas atividades.

Palavras-chave: Jogo inclusivo para deficientes visuais. Metodologias ativas. Educação Inclusiva.

IV Fórum de Educação Inclusiva



O OLHAR DA LDB E DA BNCC PARA A INCLUSÃO: ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Isadora Cristina de Almeida Freitas^{1*}

¹Graduanda de Letras/Inglês na Universidade Federal Fluminense (UFF) e estudante do Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras no Colégio Pedro II.

*Autor para correspondência: isadorafreitas@id.uff.br

RESUMO

O chão da sala de aula nunca presenciou tantas questões voltadas à educação inclusiva como hodiernamente. Tal premissa além de ser irrefutável, se deve a toda uma mobilização, por parte das pessoas com deficiência (PcD), em torno de discussões, lutas políticas e mudanças legislativas. Reconhece-se, assim, o êxito alcançado até aqui. No entanto, este não se faz absoluto, pleno em sua concepção, dado que há um hiato entre a bagagem teórica da situação e sua aplicabilidade. Nesse sentido, o presente trabalho possui o objetivo de evidenciar o avanço do que tange a inclusão e a acessibilidade na área educacional, mas também expor o real cenário encontrado nas escolas, o qual é contrastante. Ademais, visa desenvolver o senso de urgência em contornar esse panorama, a partir do entendimento de que não cabe a população, em especial, aos PcD, serem meros “cidadãos de papel”, visto que tudo só é assegurado por lei, e dificilmente a efetividade do que lhes é assegurado é contemplada. Outrossim, a metodologia usada no presente trabalho é a análise apurada e minuciosa das práticas pedagógicas que têm sido implementadas em escolas da rede particular e pública no município de Niterói (RJ). Para além, a formação e capacitação dos profissionais atuantes dessas redes, de igual modo, são postas em questionamento, posto a importância e responsabilidade que estes possuem. Os resultados, por conseguinte, mostram o que aqui já fora afirmado: há um abismo entre teoria e prática. Duas hipóteses são levantadas para a compreensão deste paradigma: a lógica mercadológica por parte das instituições, cujo pressuposto é de que o aluno não é digno de ser encarado com todas as complexidades que a humanidade lhe requer (reduzindo-o, portanto, a um mero produto, um cliente), e a ineficiência governamental, a qual não promove, de fato, a inclusão que está prevista em lei. Destarte, entende-se que é mister o alinhamento das legislações e das práticas pedagógicas vigentes voltadas à educação inclusiva, pois como bem posto pelo educador Paulo Freire, “a teoria sem a prática vira ‘verbalismo’, assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

IV Fórum de Educação Inclusiva



Palavras-chave: Legislação. Inclusão. Teoria. Prática. Acessibilidade. Práticas pedagógicas. Educação.

IV Fórum de Educação Inclusiva



O ENSINO NA MODALIDADE BILÍNGUE PARA CRIANÇAS SURDAS NO CONTEXTO ESCOLAR REFLETINDO NA VIDA SOCIAL

Jordânia Mota de Arraes^{1*}

¹Graduanda de Pedagogia/Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), estudante Lato Sensu de Serviço de Atendimento Educacional Especializado (SAEE/FAED) e estudante do Curso de Libras Nível III (INES). Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (Nilton Lins).

*Autor para correspondência: jordaniadearraes@yahoo.com.br

RESUMO

O processo de ensino de crianças Surdas caso não seja pautado nas singularidades da comunidade Surda impede a evolução linguística e implica na vida social. O uso da língua materna resulta na promoção do desenvolvimento de habilidades e competências do estudante Surdo com aprendizagens utilizadas nos contextos escolares para as vivências. A modalidade de ensino bilíngue nesse aspecto, propõe o desenvolvimento do estudante em suas competências globais com a introdução da Libras em todos os contextos de aprendizado. A língua materna L1, será meio instrutivo, orientador do desenvolvimento reflexivo, influenciando na aquisição de vocabulário e aprendizado com propriedade usual no convívio social com ouvinte da leitura e escrita, a partir da L2. Considerando as leis que embasam a modalidade de ensino bilíngue e as características de aprendizado diferenciado da criança Surda, o objetivo desse trabalho é o reconhecimento e identificação de práticas que utilize os recursos pedagógicos de forma exitosa e que torne o conhecimento viável ao plano social, incluindo as vivências. Para Campello (2008), a concepção da visualidade e da reflexão imagética ocorre em todo o processo de ensino-aprendizagem. Pesquisadores do INES no sentido de contribuir na inserção da modalidade de ensino bilíngue para o Surdo em toda sua jornada estudantil, desde a fase inicial, apresentaram alternativas adequadas para alcançar práticas efetivas com acessibilidade e que permita a compreensão do que está sendo proposto. A metodologia a partir de análise desses métodos de ensino-aprendizagem apresentadas pelos professores doutores do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Nelson Pimenta, Rosana Prado e Karin Strobel, já introduzida em contextos de ensino, demonstra resultados positivos. Nesse sentido, os métodos visuais de ensino tornam o aprendizado efetivo, repercutindo no plano de convívio do estudante surdo. Para

IV Fórum de Educação Inclusiva



isso, o aprendizado deve ser configurado no método visual- motor, que vise o processo de alfabetização e reconhecimento da aquisição da Libras como L1 e na modalidade escrita, a língua Portuguesa L2, resultando no bom desempenho do aluno Surdo na sua jornada inicial como estudante. Diante da realidade linguística da pessoa Surda, o presente trabalho enfatiza a importância dos processos pedagógicos diferenciados e métodos que conduzirão o desenvolvimento da pessoa Surda em contextos escolares e a repercussão desse aprendizado na vida social.

Palavras-chave: Ensino aprendizagem. Ensino bilíngue. Criança Surda. Vida social

IV Fórum de Educação Inclusiva



PROPOSTA DE EXPERIMENTOS DE ONDAS SONORAS COMO UMA FERRAMENTA DE INTERAÇÃO E INCLUSÃO DE ALUNOS SURDOS

Priscila França de Almeida^{1*}, Fabiano Guimarães da Rocha²

¹Graduanda em Licenciatura em Física/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *Campus Nilópolis*

²Professor do Ensino Superior do IFRJ, *Campus Nilópolis*

*Autor para correspondência: priscilaifrj1@gmail.com

RESUMO

Segundo o IBGE de 2010, cerca de 5% da população brasileira tem algum tipo de restrição auditiva, classificados como surdo ou deficiente auditivo, implicando em privações sociais, sobretudo, na comunicação, já que o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda não está democratizado, e muitas vezes os próprios surdos são impedidos de adquirir a língua de sinais por causa da visão terapêutica sobre a surdez, isso os coloca aquém de muitos conhecimentos e informações acadêmicas, e para a vida diária. Dessa observação, apostamos que os estudos sobre ondas sonoras é um saber necessário a ser promovido como conhecimento social, ao longo da vida e experiência/prática inclusiva ao alunado surdo. Nessa direção, este trabalho tem a proposta de proporcionar aos discentes surdos atividades experimentais com vibrações sonoras para observar o comportamento do som em determinados meios de propagação. Para isso, serão utilizados dois experimentos que demonstram o som, o primeiro de forma sensorial, através de vibrações no crânio, que é o experimento chamado de “Toca disco no crânio”, o segundo é uma experiência para observar o comportamento de ondas longitudinais, o “Tubo de Kundt”. Esses experimentos podem auxiliar o estudo das ondas sonoras, que é um conteúdo que agrega para a formação estudantil, pois no nosso cotidiano estamos expostos a diversos sons como barulho de chuva, buzina de carro, músicas ou outros ruídos que despertam em nós sensações como a calma, felicidade, estresse e tristeza. Nessa proposta, se desenvolverá uma aula adequada às restrições auditivas das pessoas surdas de modo que possam obter o conhecimento dos sons, utilizando como base as teorias do sociointeracionismo de Vigotsky (1987). Além da construção coletiva do conhecimento, poderão verificar através do experimento o conceito na prática. Esse trabalho tem por objetivo utilizar um experimento tátil e outro visual para tornar o tema abordado acessível e compreensível para uma classe regular com alunos ouvintes e surdos, de modo que eles possam compartilhar experiências e conhecimentos. A expectativa

IV Fórum de Educação Inclusiva



é que os alunos entendam conceitos como, ondas longitudinais, velocidade do som, frequência, comprimento de onda, ondas estacionárias, vibrações, ressonância e que os alunos surdos possam ouvir música através da condução óssea pelo toca-discos. Adotamos como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória, descritiva e bibliográfica, que quando realizada se faz necessário detectar variáveis, relações e condições para o seu estudo. Portanto, nossa expectativa é que os alunos surdos possam interagir com experiências e conhecimento do universo ouvinte e saber suas impressões por meio de questionário gravados em vídeo como técnica e recurso.

Palavras-chave: Alunos Surdos. Educação inclusiva. Ensino de Física.

IV Fórum de Educação Inclusiva



A PAUTA ANTICAPACITISTA NO DEBATE DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ana Souza Pereira^{1*}

¹Assistente Social, atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Desenvolvimento Regional (UFF) e estudante do Curso Técnico em Tradução e Interpretação de Libras - Colégio Pedro II.

*Autor para correspondência: anasp@id.uf.br

RESUMO

A utilização da terminologia “Educação Inclusiva” explicita sua antítese: a política de educação historicamente reproduz a desigualdade, daí a necessidade de lutar para que o acesso ao direito à educação seja garantido a todas as pessoas, inclusive às pessoas com deficiência. O objetivo deste trabalho não é de negar o avanço que a discussão sobre a educação inclusiva tem ganhado nos últimos tempos, sobretudo no âmbito da educação básica, mas de apontar contribuições de outras áreas do conhecimento – que estudam a relação entre modo de produção, Estado e Políticas Públicas – para situar o direito à educação por pessoas com deficiência a partir de uma análise da realidade que reconhece a desigualdade como fundamento estrutural e estruturante deste modo de produção e que expressa, por consequência, uma política de Educação que fundamentalmente exclui uma parcela da classe trabalhadora. Tem como metodologia a revisão bibliográfica e vale-se do método do materialismo histórico dialético para alcançar esse objetivo. Concluímos que essa perspectiva teórica é política: a pauta anticapacitista nos fornece subsídios para executar políticas de Acesso, Permanência e Êxito afirmando a educação como um meio para emancipação. Portanto, educação inclusiva e acessibilidade não são fins em si, mas parte necessária de um processo essencial para toda a classe trabalhadora, de gozar do que produz.

Palavras-chave: Anticapacitismo. Acessibilidade. Educação.

IV Fórum de Educação Inclusiva



INCLUSÃO E SEUS DESAFIOS: UMA DESCRIÇÃO DE TRABALHOS RELACIONADOS AO ENSINO DE QUÍMICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Larissa Calabreze^{1*}, Vanessa Penco¹

¹Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Nilópolis

*Autor para correspondência: larissa.calabreze@gmail.com

RESUMO

Diante de relatos que comumente ouvimos no nosso dia a dia, a Química é considerada por muitos alunos como sendo uma disciplina complexa e de difícil compreensão. Acredita-se que com a pandemia do COVID-19, estas dificuldades podem ter sido agravadas, devido à implementação do ensino remoto, e com isso o desafio dos professores de Química para ensinar pode ser ainda maior. Pensando nisso, o problema pode se tornar ainda mais desafiador em relação aos alunos com necessidades específicas. A presença desses alunos no ensino comum, diante do cenário de pandemia, pode agravar ainda mais as dificuldades e desigualdades já existentes quando falamos sobre Educação Especial Inclusiva. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho, além de ter como objetivo responder a esses questionamentos sobre inclusão no Ensino de Química, busca focar em apenas uma necessidade específica. Sendo assim, o foco desta pesquisa são as pessoas com deficiência auditiva. Para tal, foram realizadas seleções e posteriormente descrições sobre trabalhos que já tenham sido publicados, referentes à temática em questão. Através dessas descrições, pode-se concluir que além de poucos serem os trabalhos encontrados, o Ensino de Química para pessoas com deficiência auditiva em tempos de pandemia traz à tona consequências relacionadas à dificuldades tanto por parte desses alunos como por parte dos professores de Química e intérpretes. Houve um destaque para as dificuldades encontradas pelos professores de Química, devido à falta de habilidades que os mesmos podem vir a enfrentar com o uso da língua de sinais, e com isso, destaca-se também a relevância da presença de um intérprete de LIBRAS para auxiliar na educação dos alunos com deficiência auditiva. Por fim, destaca-se a importância de se utilizar recursos visuais para facilitar a visualização dos alunos durante o ensino sobre os conteúdos. De modo geral, a pesquisa conseguiu atingir os objetivos propostos inicialmente, e as descrições feitas colaboraram significativamente para responder aos questionamentos sobre inclusão em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Ensino de Química. Deficiência auditiva. COVID-19.

IV Fórum de Educação Inclusiva



A IMPORTÂNCIA SOCIAL DOS CURSOS DE EXTENSÃO: EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA CONTEMPORÂNEA

Martha Santos^{1*}

¹Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI

*Autor para correspondência: marthadanielle1@gmail.com

RESUMO

Este trabalho sobressai pela sua importância social, não só no ambiente acadêmico, mas especialmente ao considerar a concepção de projetos de ensino e pesquisa na pós-graduação que se expandem em ações de extensão voltadas para a capacitação contínua dos educadores na visão inclusiva atual. Neste contexto, discute-se a importância de ações formativas observadas em cursos de extensão universitária disponibilizados digitalmente sem custos. Um destaque é o Curso de Extensão "Formação continuada em Educação Inclusiva" para aprimoramento, ofertado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A seguir, pondera-se sobre o valor e a ampla repercussão do formato de Ensino a Distância (EaD), permitindo a inclusão de profissionais de variados cenários. Tal abordagem enfatiza a necessidade e o potencial de iniciativas desse calibre em democratizar o acesso ao saber, visando a transformação social e o aprimoramento de profissionais para um contexto mais justo e equitativo. Dessa forma, a Extensão na Educação Superior no Brasil é debatida de acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2018) como uma atividade integradora e transformadora. Este trabalho é ancorado na experiência de uma mulher: cursista, docente e mãe de um indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e Deficiência Intelectual (DI) em idade escolar. Observa-se que tais formações são essenciais para aprimorar a educação, ao trazer discussões e metodologias contemporâneas. Essas estratégias podem intensificar a percepção sobre novas abordagens, visando superar desafios na Educação Inclusiva e barreiras que afetam os estudantes com deficiência. Em resumo, a extensão universitária pode impactar positivamente tanto o público da Educação Especial (PEE) quanto a comunidade escolar em geral. Os temas tratados reforçam um processo educacional que respeita a diversidade humana. Abordando conceitos como acessibilidade curricular e inclusão, proporciona-se um recurso essencial para a capacitação contínua dos educadores, além das simples classificações dos alunos PEE. A análise se baseia em Glat et al. (2007) sobre a Educação Inclusiva, enfatizando sua importância e a demanda constante por reflexão, destacando o papel dos professores na promoção de uma cultura escolar inclusiva e práticas eficazes de formação docente.

Palavras-chave: Formação Continuada. Educação Especial. Educação Inclusiva. Educação à Distância.

IV Fórum de Educação Inclusiva



PARTICIPAÇÃO DO PIBID NA SEMANA DA INCLUSÃO EM PARACAMBI

Deumara Galdino de Oliveira^{1*}, Géssica de Aguiar Silva de Lucena¹, Erika da Costa Barboza de Meirelles¹,
Gabriel Pereira de Souza¹, Guilherme Leal de Carvalho¹
Helloá Cristina Pinheiro de Souza¹, Israel Araújo Botelho¹, João Marcos Farias da Silva de Souza¹
Julia de Assis Santana¹, Nicholas Ferreira da Silva A. Fernandes¹
Rebeca dos Santos Pedrosa¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *campus* Paracambi

*Autor para correspondência: deumara.oliveira@ifrj.edu.br

RESUMO

Este Relato de experiência visa compartilhar sobre a participação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Semana de Inclusão na Escola Municipal Prefeito Hélio Ferreira da Silva, situada no município de Paracambi. O planejamento do evento incluiu uma reunião com os alunos com necessidades educacionais específicas, supervisora e licenciandos de matemática do PIBID. Nesta reunião, foi possível realizar um levantamento das atividades que esses alunos gostariam de participar no evento, que foi aberto para toda a comunidade acadêmica. Os estagiários do PIBID estavam organizados em duplas e ficaram responsáveis por propor atividades para as equipes formadas por grupos de alunos da escola. O tempo para conclusão de cada atividade foi de 5 minutos. Encerrado o tempo, a equipe iria para outra atividade até completar o circuito de atividades. Após a realização das atividades com as turmas, ocorreu uma capacitação com professores, mediadores, assistentes educacionais e pibidianos sobre inclusão. Nesta capacitação, diretora e profissionais de atendimento educacional especializado abordaram sobre o histórico da educação especial, sobretudo das leis e avanços no tema, os direitos e a importância de incluir os alunos com necessidades educacionais específicas ao longo das aulas, apresentaram possibilidades de materiais e orientações sobre as deficiências. Cabe destacar que a Escola Municipal Prefeito Hélio Ferreira da Silva tem 30 alunos com necessidades educacionais específicas e vem realizando um trabalho inclusivo com excelência. Como resultados destacam-se a animação dos alunos da escola em participar das atividades e a troca de experiências, seja através das atividades propostas como também da capacitação na qual os professores relataram algumas práticas para a inclusão, o que contribuiu para a formação inicial e para a formação continuada dos participantes. Sobre a formação inicial dos alunos, o curso de licenciatura em matemática do IFRJ, *campus* Paracambi, não tem disciplina voltada para a inclusão em sua grade. Com isso, ressalta-se a importância de eventos voltados a essa temática na formação dos futuros professores.

IV Fórum de Educação Inclusiva



Palavras-chave: Formação de professores. Educação Inclusiva. Educação Matemática. PIBID.

IV Fórum de Educação Inclusiva



A QUÍMICA AO ALCANCE DAS MÃOS: INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE NO ENSINO DE QUÍMICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Ramon Braza^{1*}, Aires Silva¹, Ana Paula Estevão¹, Camila Nascimento¹, Caroline Souza¹,
Vanessa Nogueira¹

¹Instituto Federal do Rio de Janeiro, *campus* Nilópolis

*Autor para correspondência: ramonbraza22@gmail.com

RESUMO

O ensino de Química sempre se apresentou como um desafio constante para educadores, devido à sua natureza abstrata e complexa. Muitos alunos enfrentam dificuldades em compreender os conceitos químicos em sala de aula, seja devido à dificuldade de relacionar o conteúdo com situações cotidianas ou à abordagem tradicional e descontextualizada da matéria. Essa problemática é ainda mais acentuada quando se trata de estudantes com necessidades educacionais especiais, principalmente aqueles com deficiência visual. O processo educativo desses indivíduos exige profissionais altamente capacitados, que possam empregar ferramentas e metodologias adaptativas, a fim de garantir a não exclusão desses alunos. No entanto, é notável que a maioria dos professores se sente despreparada para lidar com esse grupo específico de alunos, já que a formação inicial muitas vezes não contempla essa diversidade e a falta de materiais especializados em Química para esse propósito é evidente. Nesse contexto, o projeto "A Química ao Alcance das Mãos: Desenvolvimento de Recursos Didáticos Especializados de Química para Pessoas com Deficiência Visual", uma colaboração entre o Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) (campi Duque de Caxias e Nilópolis) e o Instituto Benjamin Constant (IBC), emerge como um agente transformador. O projeto, que teve início no ano de 2015, é uma iniciativa notável que conta com a participação ativa de licenciandos em Química. Seu principal objetivo é duplo: promover a formação inicial e continuada tanto para os licenciandos do IFRJ quanto para os professores de Química. Além disso, o projeto busca criar materiais didáticos inovadores e adaptados de forma especial para atender às necessidades de alunos com deficiência visual. A lacuna existente em recursos voltados para o ensino de pessoas com necessidades educacionais especiais é abordada com ações concretas e estratégias inovadoras. A participação no projeto vai além da construção de materiais; ela impulsiona um crescimento pessoal significativo, fomentando uma empatia genuína que capacita os envolvidos a se colocarem no lugar do outro, um atributo fundamental para promover dignidade e autonomia

IV Fórum de Educação Inclusiva



nos futuros alunos. É importante destacar que todas as atividades e materiais desenvolvidos passam por rigorosas análises e revisões por parte de especialistas e alunos cegos do Instituto Benjamin Constant, assegurando a eficácia e adequação desses recursos. Garantir a visibilidade e acessibilidade desses materiais é crucial para capacitar futuros profissionais da educação a compreenderem como conduzir suas aulas, incorporando adaptações essenciais para efetivar uma inclusão real e significativa desses alunos. Em última análise, o projeto "A Química ao Alcance das Mãos" transcende o mero desenvolvimento de recursos didáticos especializados. Ele se estabelece como um farol de inclusão, educação sensível e comprometida com a igualdade de oportunidades.

Palavras-chave: Formação Continuada. Educação Especial. Educação Inclusiva. Educação à Distância.

Financiamento: IFRJ e CNPq

